

O PRINCÍPIO DA CAUSAÇÃO POR AGENTE EM THOMAS REID: EM DEFESA A TEORIAS LIBERTARISTAS

Gabriela Roth¹, Roberto Hofmeister Pich¹ (orientador)

¹*Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, PUCRS, Curso de Filosofia.
Bolsista do programa PIBIC/CNPQ*

Resumo

O problema da liberdade da vontade surge quando os seres humanos questionam se, como e em que grau eles têm controle sobre as suas decisões ou ações. Do ponto de vista pessoal, em geral nós nos vemos como agentes livres capazes de influenciar o mundo de diversas maneiras. Sentimos que "depende de nós" o que nós escolhemos como também que as origens ou fontes de nossas ações estão em nós e não em alguma outra coisa sobre a qual não temos domínio – como, por exemplo, a família, a sociedade, a cultura, a herança genética ou até mesmo Deus. Entretanto, se admitimos a participação de uma influência exterior em nossas escolhas, como podemos saber realmente se, apesar disso, estamos agindo por vontade própria e não somos decisivamente determinados pelos meios culturais? Para o filósofo escocês Thomas Reid (1710-1796), o controle sobre as nossas decisões está garantido porque somos agentes que causam decisões. No que segue, pretendo explicar o que Reid quer dizer com o princípio de causação por agente e por que esse princípio é central para a sua teoria libertarista da ação.

Mas, antes de seguir adiante, cabe um esclarecimento sobre a nomenclatura de teorias contemporâneas sobre a liberdade vontade. Dependendo da aceitação da compatibilidade entre determinismo e liberdade, teorias de hoje classificam-se em compatibilistas ou incompatibilistas. Uma teoria compatibilista assevera que a liberdade *é compatível* com o determinismo. Mas o que se sabe como determinismo? Filósofos deterministas acreditam que não há liberdade da vontade e que tudo, no universo, inclusive a vontade humana, está submetido à necessidade. Com isso, a liberdade é meramente a capacidade de, dentro de uma cadeia causal, *ser o sujeito de onde parte a decisão de optar fazer ou de onde parte a decisão de não fazer* uma determinada ação. Mas, se o determinismo é verdadeiro, as relações causa-e-efeito passadas e as regras de controle social são condeterminantes das nossas ações

presentes em todos os momentos. Nós não temos o poder para fazer o contrário e, portanto, faltam possibilidades alternativas. Podemos notar, a partir disso, como teorias incompatibilistas se diferenciam desse parecer e adotam uma aceção mais ambiciosa de liberdade. Incompatibilistas, assim como Thomas Reid, entendem que “liberdade de ação” e “determinismo” *são incompatíveis* entre si e acreditam que podemos ter controle sobre nossas ações através de nossa própria vontade e razão e que o determinismo é falso.

A partir dessa discussão, Thomas Reid provará de que modo agentes, tais como nós, seres humano, podem agir por vontade própria. A sua teoria central está ligada ao que ele chama de “teoria da causação por agente”, na qual visa uma demonstração em defesa da liberdade da vontade. Reid afirma que, para agirmos, temos que supor que há um poder ativo dentro de nós e que a vontade estaria diretamente relacionada a esse poder ativo. O poder ativo seria de acordo com Reid: “*É uma qualidade que pode ser variada, não somente em grau, mas também em tipo; e nós distinguimos tanto os tipos como os graus pelos efeitos que eles são capazes de produzir.*” Assim, não há uma só definição de poder, mas qualificações com as quais o poder estaria envolvido. À vontade, conseqüentemente, faria o papel de determinar o poder ativo através da nossa racionalidade. Na base disso, Reid conclui que não podemos ser determinados.

SOBRE A DIFERENÇA DE CONCEPÇÃO ENTRE LOCKE E REID: *Um exemplo de concretização em William Rowe*

A partir do entendimento da temática, podemos notar que o seu aprofundamento deve ser observado em grandes perspectivas pelos filósofos da época. Dessa forma, voltamos à pergunta inicial: como podemos capacitar à liberdade humana, se há a existência próxima do determinismo? Segundo William Rowe, se existe liberdade, então o agente, em um sentido relevante, possui controle (possui determinada decisão) sobre suas ações.

A questão está no princípio de *como* o agente pode escolher e qual seria então essa origem de escolha. Logo temos teóricos como John Locke e Thomas Reid tentam mostrar a relevância de seus argumentos para a abordagem de uma grande discussão. Segundo John Locke, a origem da escolha de ações é interna no sujeito, pois em suas palavras ‘é o que vem de mim’. Fatores dentro do agente é que determinam o poder ativo. O fato está concentrado no caráter ou ambiente que rege a educação do sujeito para que a escolha seja feita. Locke admite fatores dentro do agente que condicionariam a concretização dessas ações. Portanto, Locke é considerado um compatibilista no qual acredita fielmente no determinismo. Já para Thomas Reid um agente moral é aquele que tem poder sobre suas vontades. Reid rejeita a visão de

Locke argumentando que se existem fatores internos que impendem à produção de uma ação, então o poder é determinado pelas essas causas e/ou fatores. Assim, admite que o poder seja anterior a determinação interna da vontade, no qual os atos da volição são livres enquanto causados por nós. O agente, dessa maneira, tem o poder que move suas determinações através da vontade e, em consequência disso, o poder ativo seria a primeira causa construída sobre a vontade.

As concepções que Reid persegue parecem ser consistentes quanto ao seu objetivo. Podemos notar que Reid é um autor preocupado com a aplicação de sua teoria em uma época em que as teorias da ação livre estavam bastante comprometidas com o determinismo. De que forma poderíamos apontar para a importância da teoria de Thomas Reid para a filosofia contemporânea? Apontaríamos então para uma referência ou até mesmo uma defesa a teorias libertaristas que acreditam na não possibilidade do determinismo. É, dessa maneira, vemos que certas características de sua teoria como consequência de atitudes morais e éticas e de como esse comportamento se apresenta em nossa sociedade atual. Reid defende essa perspectiva como argumentos precisos que levarão William Rowe a apresentar até mesmo uma comparação com Locke e seu posicionamento. É, portanto, um autor de extrema relevância a nossa visão contemporânea.